

A AMÉRICA LATINA, SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO

JOÃO GONÇALVES DE SOUZA

O estudo examina, em suas grandes linhas, as características da sociedade latino-americana e os problemas que emergem de seu processo de mudança. A explosão demográfica e o deslocamento migratório da zona rural para a urbana agravam a pressão desses problemas, que representam, em última análise, um desafio à nossa consciência cristã. O aperfeiçoamento espiritual e a melhoria material não se contrapõem: antes se completam. Um e outro, articuladamente, dizem respeito à promoção do homem, em sua total dignidade, como ser eterno e como unidade social. O autor convoca os cristãos para atenderem ao desafio do desenvolvimento, indo ao encontro da expectativa das populações latino-americanas, ansiosas por um nível de vida compatível com os imperativos da justiça social e as exigências morais da condição humana.

OS grandes problemas da dinâmica sócio-econômica nos países latino-americanos são, em resumo, os seguintes:

1. Crescimento rápido da população, especialmente nas grandes cidades.
2. Baixo índice de produtividade da terra, agravado por certos aspectos de posse e uso.
3. Dificuldade de expansão do comércio interzonal e internacional.
4. Urbanização acelerada e desejo de progresso.
5. Distribuição regressiva da renda.

No que se refere à população, sabe-se que ela está crescendo à taxa anual de 2,8%. Estima-se que a população rural cresça apenas à de 1,5%, enquanto a urbana crescerá a mais de 4%. Esse crescimento urbano é, em grande parte, de fundo patológico. Explica-se pela migração rural-urbana, de tipo desordenado.

Estudos demográficos das Nações Unidas indicam que, enquanto em 1965 a população de toda a América Latina era constituída de 230 milhões de pessoas, no ano de 2000, isto é, daqui a 34 anos, atingirá setecentos milhões. Vale dizer: terá seu número mais do que triplicado.

Que fazer com esse potencial demográfico? Grande parte dêle será absorvida no meio rural. Acontece, porém, que o avanço tecnológico no setor rural da economia certamente restringirá o número dos que aí podem obter emprego. Outra boa parte continuará a deslocar-se para as grandes cidades. O desenvolvimento urbano requer, porém, mãos especializadas para o exercício de profissões que, via de regra, o migrante rural não possui.

*

Onde quer que permaneça, nas grandes cidades ou no campo, o excedente de mão-de-obra continuará a constituir sério problema para as autoridades governamentais e para a própria Igreja.

A baixa produtividade do setor rural é outro fator importante e se relaciona, em boa parte, com a estrutura do uso e posse da terra. O homem rural latino-americano continua a trabalhar em condições tais que o resultado obtido não permite alimentar uma população em crescimento, nem oferecer condições para a melhoria do poder de competição de seus produtos no mercado internacional.

O nível tecnológico evidencia o atraso do agricultor: continua a trabalhar sem ajuda dos instrumentos de progresso já produzidos pela ciência aplicada e pela tecnologia. O ensino agrícola não lhe chega, nem a seu filho e a sua mulher. E quando a escola rural existe, não permite, via de regra, que êle alcance um conhecimento prático, ao nível das necessidades e aspirações da massa camponesa.

A um ensino agrícola pobre, limitado, deficiente, teórico, segue-se um serviço de assistência e de orientação técnica igualmente precário.

A conseqüência dessa situação está refletida no fato de que, em 1950, em tôda a América Latina, 57,9% da força-de-trabalho, concentrada na agricultura, só conseguiram produzir 25,8% do produto nacional bruto. Enquanto isso, a indústria, que absorvia apenas 11% da força-de-trabalho, contribuía com 25,9% para a formação do PNB.

Além de tecnicamente despreparada para sua função, essa força-de-trabalho —integrada por trabalhadores braçais, parceiros, arrendatários e peões— é predominantemente analfabeta.

Outro fator é representado pelas relações de comércio entre o agricultor e o consumidor em sua comunidade; entre a região de produção e a de consumo dentro do mesmo país; entre o país e o mercado internacional. O agricultor geralmente é explorado nos três passos: junto à sua casa, em seu país e no exterior. Não consegue, assim, fazer poupança. Como resultado, vive miseravelmente e nem êle nem a família têm acesso a serviços que são partes da vida normal de um homem —religiosos, educacionais, sanitários, recreativos, etc.

O mais importante fator limitante é o que se refere ao tipo de relação que liga o trabalhador à terra. A monocultura latifundiária, as relações de arrendamento e parceria rural, os sistemas de salários, enfim todos os sistemas tradicionais de posse e uso da terra não estão de acôrdo com as condições atuais de progresso social e econômico e com as aspirações mínimas do ser humano. Fogem ao espírito do Vaticano II, especialmente no tocante à *gaudium et spes*. O defeito da estrutura de propriedade se destaca através do fato de que, na América Latina, apenas 1,5% do número dos imóveis rurais, com áreas superiores a mil hectares, abrangem 65% da superfície cultivada. E 13%, com áreas individuais inferiores a 20 hectares, tinham apenas 4% do terreno cultivado, em 1950.

A tônica da estrutura agrária latino-americana é a concentração da propriedade da terra, expressa pela maior par-

ticipação do latifúndio em termos da propriedade multifamiliar grande, ou seja, a que ocupa o trabalho de mais de doze homens, segundo a definição do Comitê Interamericano de Desenvolvimento Agrícola (CIDA).

Em dois países estudados pelo CIDA —Chile e Peru— mais de 80% da terra agrícola é constituída por unidades de grande tamanho, que exigem no mínimo doze trabalhadores permanentes por unidade. Já no Peru, Equador e Guatemala os minifúndios, ou unidades da escala subfamiliar, constituem 85 a 90% do total das explorações agrícolas, sendo que grande proporção dos minifúndios é constituída por arrendatários ou simplesmente “invasores”.

Embora se possa dizer que o sistema “minilatifúndio” seja menos importante na Argentina, Brasil e Colômbia, a análise dos dados regionais revela grandes zonas diferenciadas pelos referidos extremos, especialmente no Brasil, onde os latifúndios predominam em quase todo o país.

Em resumo, o total das terras ocupadas em exploração do tipo familiar, isto é, com capacidade para satisfazer às necessidades básicas da unidade social, representa menos da quarta parte das terras agrícolas dos sete países estudados pelo CIDA. Tais explorações familiares existem em maior número na Argentina e na Colômbia. Já no Equador, Guatemala e Peru os minifundiários e os trabalhadores agrícolas sem terra representam quase 90% da população agrária, sendo que nos demais países, com exceção da Argentina, eles formam dois terços dessa população.

Os projetos nacionais de reforma agrária não têm proporcionado, por diferentes razões, solução justa e equilibrada ao problema. A especulação fundiária, sem oferecer oportunidade mais ampla aos trabalhadores rurais; a estrutura rígida da propriedade particular; a injustiça quanto os tipos de relações na estrutura tradicional de posse; a subordinação a uma economia de exploração e não de mercado no sentido amplo, e a inexistência de serviços diversos para o agricultor —tudo isso é responsável pelo atraso em que vive a massa camponesa latino-americana.

Ressalte-se, ainda, que as relações de comércio nesses países, assentes numa estrutura injusta, agravam os nossos

problemas. Tradicionalmente, 90% das exportações latino-americanas repousam em produtos primários, que encontram óbices à colocação no mercado internacional, dificultando-se dessarte o crescimento econômico em virtude da reduzida capacidade para importação. A fim de romper a pressão desses e de outros fatores, impõe-se a ampliação do mercado.

Como a abertura à produção latino-americana no Mercado Comum Europeu e no mercado americano se encontra cercada das maiores restrições, que é imperioso ir reduzindo, torna-se também indispensável que os nossos países voltem suas vistas de forma obstinada para a ampliação de um Mercado Regional Latino-Americano.

É certo que alguns progressos têm sido obtidos, tanto no que se refere ao Tratado de Montevideu, como no que tange às relações comerciais de cada país, dentro da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC).

Os dados do comércio expressam duas tendências importantes:

1. todos os países da América Latina intensificaram seu comércio com a zona à medida que os instrumentos legais começaram a responder com agilidade maior;

2. a proporção entre importação e exportação, por parte de cada país latino-americano, varia grandemente. Apenas quatro países apresentam saldos positivos em seu comércio dentro da zona: Argentina, Equador, México e Paraguai.

Esse aspecto da integração econômica facilitará também a integração cultural e espiritual a que se referia PAULO VI em carta dirigida aos participantes da última reunião do CELAM.

O PROCESSO DE MUDANÇA

A América Latina é uma sociedade em transição. O processo de mudança se faz evidente no meio rural, no meio urbano em maior grau e, de modo geral, abrange toda a sociedade de hoje.

O Professor MANUEL DIÉGUES JÚNIOR,¹ Diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais,

¹ MANUEL DIÉGUES JÚNIOR, "Transformações na Comunidade Rural da América Latina", in *América Latina*, ano 7, n.º 2, abril-junho de 1964.

publicou um trabalho sôbre o assunto, com base em dados técnicos colhidos em países latino-americanos.

Destacou a importância das obras de infra-estrutura nesse processo de mudança. Especialmente a energização progressiva do meio rural e os contatos através das novas rodovias abertas. Assinalou até a importância do rádio "transistor", que funciona mesmo nas comunidades onde ainda não haja energia elétrica. Apontou inúmeros exemplos recolhidos no Brasil, México, Bolívia e Equador. Quanto a êsses três últimos países, registrou inovações que vêm afetando até mesmo as comunidades indígenas. Os programas de extensão rural, as técnicas audiovisuais utilizadas intensamente em favor de programas de agricultura, saúde pública e educação, além das experiências de reforma agrária, colonização agrícola, no México, Bolívia, Cuba, Colômbia, América Central, Venezuela, etc., estão, segundo aquêle sociólogo, produzindo profundas modificações nas técnicas de trabalho, nas instituições sociais, no sistema de valores e na mentalidade mesma do homem, da mulher e da criança de nossa sociedade rural.

Êsses problemas já não têm apenas sentido acadêmico. São temas que interessam às próprias comunidades rurais. Estudo recente promovido pelo CIDA,² em relação a problemas de posse e uso da terra em sete países latino-americanos, tornou evidente a existência de uns tantos fatores que estão atuando com bastante vigor para agilizar aquelas comunidades, tais como o extraordinário índice de crescimento demográfico da América Latina, o rápido progresso tecnológico, a subdivisão da propriedade particular por efeito de leis de herança, os movimentos especiais rural-urbanos e programas de colonização e de reforma agrária.

De outro lado, há uma dinâmica mais conspícua ainda nas grandes cidades. De fato, a mudança social se está realizando com mais vigor e rapidez no meio urbano. Outros fatores têm decisiva influência, como o nascer de uma classe

² *Tenencia de la Tierra y Desarrollo Socio-Económico del Sector Agrícola*. Informe Regional. CIDA. Secretaria-Geral da OEA, Washington, D. C.

média urbana e industrial, a "mimetização de uma vacilante burguesia industrial",³ e a presença dinâmica dos intelectuais, estudantes e das elites nascentes.

Assinale-se que essa atmosfera de mudança é bastante generalizada. Ela está no ar. Está em torno de nós, dentro de nossa casa, de nossa oficina de trabalho, nas reuniões operárias e dos jovens, nas escolas, nos meios militares, dentro de nossas igrejas. Que se vê? Que se vive? Um ar de inconformismo, de rebeldia que a uns preocupa e a outros alegra. A juventude, por exemplo, percebe que alguns dos símbolos que eram básicos da cultura de seu país e de seu meio já não podem subsistir. E nesta matéria não há vácuo. A substituição é inevitável. Como o mundo está cheio de ideologias, de mitos, de preconceitos, de meias-verdades, o jovem está desorientado e à procura de novas bandeiras. A disponibilidade não é própria ao seu estado de jovem. Enquanto não encontra o caminho que lhe parece correto, perde-se nas noitadas alegres ou nas cantorias inocentes dos iê-iê-iês nacionais, nas distrações buscadas por eles, que são corações inquietos. E quando o jovem não se deixa agarrar por esse lado, perde o equilíbrio e vai para os extremos das agitações ideológicas, das greves escolares, das rebeldias contra um tipo de ensino e de professor incapaz de encher-lhe a alma angustiada. Há o pior, ainda. Muitos perdem totalmente o equilíbrio e se deixam dominar de vez pela agitação e pela conspiração contra o mundo e a autoridade com os quais já não estão de acordo. Desencantam-se até de líderes religiosos.

E, assinale-se que a inconformidade dessa nossa juventude disponível parece ser, a um só tempo, nosso maior problema e nossa mais rica oportunidade. A reconstrução de nosso mundo, como nós o desejamos, terá que ser feita igualmente pelo esforço dessa mocidade em busca de um caminho e de um comando legítimo e reconhecido.

Essa mocidade tem em torno estruturas sociais condenadas à queda, valores superados, uma liderança incompleta.

³ *Reformas Agrárias en América Latina*. Oscar Delgado. Fundo de Cultura Económica. México, 1965.

mediocre e desacreditada. Vê cinzas de mitos mortos, de símbolos desgastados. Culturas autóctonas estão sendo sacudidas e abaladas.

A economia tradicional ligada à agricultura, à pecuária, à terra —ou se transforma à luz de métodos de produtividade e de justiça social, ou está condenada ao perecimento. A monocultura, a exportação de matéria-prima básica, a grande propriedade de estrutura latifundiária e de baixa produtividade, o trabalho da mão-de-obra rústica e mal paga, as condições humanas de vida nas vilas, povoados e no meio rural disperso, a inexistência de serviços adequados ao alcance das legiões sofridas de nossos homens do campo —todo êsse mundo agrário está sendo tocado ou acordado por poderosa onda de renovação e de transformação.

A industrialização surge como o remédio mágico contra o atraso da agricultura e do agricultor. O nacionalismo, como o antídoto do colonialismo econômico. A diversificação produtiva aparece como a salvação contra a agricultura de um só produto básico. A autoridade do professor e do velho educador é questionada, quando não é negada. A universidade, criticada pela distância em que ficou do cumprimento da missão que os jovens dela esperavam. Em suma, por todo lado, na cidade e no campo, na planície da sociedade pobre e no ápice da liderança influente, há um sôpro de transformação que os cristãos precisam entender.

É dessa nebulosa social que há de sair o mundo nôvo do Concílio, a nova consciência dos leigos em face do problema social, a *quatrième force* do PE. LEBRET, isto é, *la présence chrétienne au monde*, fruto de uma quarta posição, que não é a de um marxismo ateu, a de um burguesismo gozador e cruel, ou ainda, a de um terceiro grupo ressentido, isolado, refugiado numa capa negativa que não salva ninguém, os chamados povos não comprometidos. É a posição indicada por JOÃO XXIII na *Mater et Magistra*, e pelo Vaticano II, que consiste em dar vida ao *aggiornamento*, isto é, em atualizar a Igreja e os cristãos com os problemas do nosso mundo de hoje, e que está compelindo os próprios

cristãos a que façam, com urgência, a revisão até de alguns valores e conceitos, tidos como parte do cristianismo.

Não há dúvida de que o mundo velho está ruindo. Novas crenças, idéias e técnicas estão surgindo, a América Latina, parte integrante do mundo e da família de Deus, está sendo sacolejada em seus alicerces e, se há perigos reais a ameaçá-la, não vai desaparecer como na antevisão dos novos Spenglers, ou perder seu caminho, herdado das nações matrizes —Espanha e Portugal—, pois a região teve seu nascimento nas fontes da Doutrina do Salvador.

Mas, os ríctos são reais. Os fatores de mudanças são vários: os externos (os meios de divulgação), e os internos ou intrínsecos ao homem latino-americano de hoje (sua receptividade ou permeabilidade às novas idéias). Todos êsses elementos estão agindo eficazmente sôbre a estrutura, o funcionamento e o próprio sistema de valores de nossa sociedade cristã. Esta, quase sempre sem o sentir ou sem o perceber, se deixa impregnar ao contato com os novos símbolos, doutrinas e bandeiras.

JACQUES LECLERCQ, da Universidade de Louvain, e o alemão P. B. HÄRING, dois teólogos modernos dos de maior nomeada, constantemente se referem a um mundo *pluralista* que se substitui ao mundo cristão como nós estamos acostumados a interpretá-lo. Essa situação cria problemas concretos e até de teologia moral muito sérios para os católicos. Por exemplo, aceitamos com facilidade a idéia de que o nosso mundo já não é estruturado nem funciona como se fôsse verdadeiramente um mundo cristão? Pois não é fato que em alguns de nossos países a própria instituição da família —para citar apenas um exemplo— já não conta com uma legislação capaz de preservar a indissolubilidade do vínculo matrimonial? Diz HÄRING: “Provavelmente, o fator mais decisivo a êsse respeito é que a maioria dos cristãos vive hoje em uma sociedade que já não é unânimemente cristã, e sim pluralista. Mais, ainda: os católicos estão em minoria em quase tôdas as partes, e em oposição à moral católica se apresentam outros sistemas de valores morais”.⁴

⁴ *Renouveler la théologie morale. Pourquoi?* Suplemento de *La Vie Spirituelle*, n.º 53, Paris, 2.º trimestre, 1960.

Vivemos, na verdade, numa sociedade pluralista, com muitos problemas novos.

PROBLEMAS À PROCURA DE SOLUÇÃO

O objetivo básico do desenvolvimento é o homem. Mas, também é ainda o homem o instrumento, a condição básica do desenvolvimento. Assim como seria insensato planejar o desenvolvimento econômico sem dirigi-lo ao ser humano, sem procurar beneficiá-lo, também se torna impossível ou problemático tentar o desenvolvimento sem preparar o homem para promovê-lo em seu benefício.

De que adianta a tecnologia, se não se tem condição de aplicá-la? — pergunta GUNNAR MYRDAL em documento submetido à II Conferência Mundial de Reforma Agrária, recém-realizada em Roma. E relaciona, como uma espécie de causa e efeito, a reduzida produtividade da agricultura tradicional ao baixo padrão profissional das massas rurais trabalhadoras— analfabetas, doentes, apáticas e injustiçadas.

Mas, essa transformação não se deve processar por puro acaso. Deve, ademais, ser relacionada ao esforço de cada país. Por isso é que, já no clima do Concílio Ecumênico, e como decorrência dêle, é hoje de extrema atualidade a problemática do desenvolvimento, tanto para a sociologia da religião, quanto para os sociólogos do desenvolvimento propriamente dito. Dá-nos, assim, alegria sentir que se verifica um encontro fraterno e interessado entre teólogos e cientistas sociais em torno do que já se está chamando de “teologia do desenvolvimento”.⁵

Em face dessa situação, que devem fazer os cristãos? Cerrar os olhos e ignorar o perigo? Aparecer na liça como campeões de uma postura exclusivamente negativa, de oposição aos comunistas, aos egoístas e aos ressentidos? Não basta isso, vê-se logo. Compete-nos, então, dar certos passos.

Em primeiro lugar, ter o olhos bem abertos para o mundo que nos cerca, o mundo em mudança —recomenda PAULO VI. Não apenas ver a falsidade da mensagem das cor-

⁵ A. Z. SERRAND, O. P., *Evolution Technique et Theologies*, Paris, 1965.

rentes anticristãs de hoje, como oferecer respostas lógicas a êsses problemas que pedem solução urgente.

A solução não está apenas em ler ou publicar livros, ou em realizar conferências. Isto é sempre importante, mas não basta. A grande limitação a marcar a liderança de hoje, inclusive a nossa, a dos cristãos, é a incapacidade tradicional de colocar em ação doutrinas, princípios, planos e projetos que são válidos. A missão real consiste não só em identificar os cristãos com as causas que hão de salvar o mundo, que de nós depende, mas em prepará-la espiritual, mental e tecnicamente para fazê-lo.

Os cristãos precisam viver um pouco a lição de LEBREY —a quem Deus tirou de nosso meio faz tão pouco tempo: a de que o reino dos céus começa aqui mesmo, neste nosso mundo ruim, e a missão de salvar almas, que é a missão de todos nós, não substitui a de levantar corpos da condição subumana em que vivem, nem com esta é incompatível. Em face dos dramas de nossa sociedade, os leigos e mesmo muitos sacerdotes por certo ganhariam bastante em rever certas noções, certos compromissos e certos métodos de ação. O desenvolvimento é um campo nôvo para o qual não se está preparado. Longe de mim advogar a tese de que a Igreja deve fazer o que compete ao Estado. As missões de uma e outro —duas sociedades perfeitas que são —, ainda que se completando, são independentes e específicas.

Em tôda a problemática ligada ao desenvolvimento e à modernização de nossas sociedades, dois aspectos são atuais e básicos: refiro-me à educação e à reforma das estruturas agrárias.

Certamente, a educação constitui um objetivo central na solução dêste importante problema de nosso século na América Latina —o desenvolvimento. Não me refiro à educação no sentido tradicional de alfabetização de grandes massas, ainda que reconheça a importância da alfabetização como condição prévia ao êxito de qualquer programa de desenvolvimento. Por educação desejo significar, também, o preparo mesmo da mão-de-obra desempregada ou semi-utilizada, para as necessidades da modernização agrícola e industrial de nossas nações.

Estariam à altura do papel nossas atuais universidades católicas e as instituições educacionais e técnicas de outros níveis?

Outro dos temas que, na América Latina, mais interesse estão despertando é o da reforma agrária. As conferências especializadas vêm destacando esse problema como de importância básica para o desenvolvimento dos países atrasados e para assegurar justiça social aos homens do campo. Os técnicos reunidos na II Conferência Mundial de Reforma Agrária deram relêvo, dentre outros, aos seguintes pontos, que nos dizem respeito de perto:

1. Tendo em vista a atual estrutura da propriedade da terra na América Latina, e que 70% dos habitantes vivem no setor agrícola, é ingenuidade pensar em um autêntico Programa de Desenvolvimento colocando à margem ou em posição secundária a atividade agrícola — a principal propulsora das economias de nossas nacionalidades. Como a taxa anual de produção de alimentos, de 1958 a 1965, foi somente de 2%, portanto, quase 1% inferior à taxa de crescimento demográfico da América Latina, os técnicos vêem nessas estatísticas problema da mais alta gravidade.

2. O Diretor-Geral da FAO, o hindu SEN, no discurso inaugural da Conferência, destacou outro ponto que também centralizou a atenção dos participantes da reunião. Disse êle: "A industrialização não será capaz de oferecer novos empregos, senão a uma pequena fração dos 20 milhões que anualmente aumentam o contingente da mão-de-obra nos países em desenvolvimento. A própria "decolagem" do processo de desenvolvimento econômico referida pelos economistas modernos estará obstaculizada se, ao lado da industrialização, os países não se dedicaram a uma transformação em profundidade dos métodos e processos de lidar com a agricultura, a pecuária, os problemas de terra e as relações sociais no meio rural".

A reforma agrária, como a educação, é assunto importante, a despeito de certo exagêro com que determinados setores radicais têm procurado tratá-los, movidos não tanto por dados objetivos, mas por considerações subjetivas ou

emocionais. Todavia, o tema é, em muitos países, de inegável prioridade.

Temos experiências, entre nós, a examinar. Algumas foram até regadas a sangue. Uma delas —aquela sôbre a qual mais se escreveu, a Revolução Mexicana de 1910— consumiu mais de um milhão de vidas humanas. Pararam seus efeitos econômicos e sociais. Ela quase se esgotou no tempo. Valeu como uma esperança que não encontrou de todo o seu caminho. A Revolução Agrária Boliviana, mais recentemente, um pouco inspirada na primeira, e após 15 anos de experimentos, não deixa atrás de si um rastro de luz sem sombras. Deixou-nos o eco de enorme ruído de um movimento dirigido para quebrar a injusta ordem social encontrada, com apoio numa política de nacionalização das minas e na destruição do latifúndio, pela reforma agrária. Os problemas nacionais e do povo, que ela se propunha resolver, não encontraram, em essência, a solução almejada. Estará, por acaso, o povo boliviano mais rico?

Tem-se o caso venezuelano. Aí o programa fixou 130 000 famílias como proprietárias de terras. A despeito desse avanço, não se tem ainda uma idéia técnica sôbre o êxito econômico e social do programa.

Em outros países há leis adequadas, mas sua implantação tem sido difícil ou deturpada. No Equador, Peru, Chile e Guatemala, por exemplo, começa a haver até uma reação contra a aplicação adequada dessa legislação de reforma. O México já começa a discutir a necessidade de reformular seu estatuto semi-secular de reforma agrária para adequar a exploração econômica da terra às novas necessidades da economia mexicana de hoje.

O quarto exemplo está no doloroso caso cubano. Não tem nada com o modelo mexicano, que após 30 anos diminuiu seu vigor no tempo. A revolução cubana prossegue ainda seu curso. Ninguém sabe onde ou como terminará. Nem mesmo seus líderes parecem seguros do que vai ocorrer, nos próximos anos. Nem se dividiu, tampouco, como parece ter acontecido com o experimento decenal da Bolívia. Os que dela divergiam foram sendo conscientemente eliminados como convém ao modelo em que se inspira. Mas fugiu

tanto do que prometia aos cubanos —há décadas injustificados e explorados por ditaduras e governos corruptos— que, já agora, ninguém mais a reconhece. É um movimento que ainda prossegue a um impacto da inércia, mas se trata rigorosamente de um sonho que se desviou, de uma revolução nobre que se traiu a si mesma.

Êsses, os quatro modelos conspícuos, oriundos três deles de revoluções sangrentas, que temos na história da América Latina: o modelo mexicano, amortecido, praticamente esgotado; o modelo boliviano, não totalmente atingido; o modelo venezuelano, incompleto ou ainda não interpretado; o modelo cubano, desviado, traído.⁶

Mas, em todos êsses casos há, além de resultados a apreciar, lições a recolher. E dados preciosos sôbre o sentido a imprimir à reforma agrária, como parte de um plano maior —nacional ou regional— de desenvolvimento, e quanto à participação que nêle deve ter o militante de ação social da Igreja. Foram de todo inúteis? Não, por certo. Mas, são essas as mensagens práticas reclamadas por muitos de nossos países? Não, certamente. O que se reclama é a revolução indicada no capítulo "A Igreja e o Mundo Moderno" como um dos elementos vitais do Vaticano II. Revolução pacífica, sem sangue, capaz de conduzir nossa sociedade em transição ao seu destino correto.

CONCLUSÃO

Após os movimentos de independência, decorridos há mais de século, os países latino-americanos vivem hoje seu momento mais difícil, mais perigoso e mais belo. Encontram-se numa encruzilhada. Desejam nova afirmação nacional, mas de outro tipo. Querem progredir com rapidez, mas não desejam negar seu passado e seus melhores valores espirituais e culturais. Recusam-se a guiar-se pelos modelos ortodoxos do marxismo e do capitalismo tradicional como força inspiradora de sua ânsia de desenvolvimento. Sabem que são potencialmente ricos, que têm sido explorados e

⁶ Vide ALEXANDRO MAGNET, "Biografía de 3 revoluciones: México, Bolivia y Cuba". *Message*, outubro, 1966.

mal conduzidos no passado. Estão resolvidos a abrir seu caminho à luz de um nacionalismo real, de uma independência completa. Querem a evolução social, a seu modo, para seus povos insatisfeitos. Estão acordados e conscientes. Sabem o que querem. Tão visível é essa ânsia para superar injustiças e para incorporar ao bem-estar coletivo seus recursos naturais, que os marxistas anunciam que estamos vivendo uma fase pré-revolucionária.

Que está a pedir, então, a América Latina? Além de uma mensagem, liderança eficaz, à altura do momento, em condições de dar conteúdo real a êsse sonho, a êsse desejo de desenvolver-se, nessas bases.

Precisamos enfrentar o desafio do desenvolvimento, de forma a permitir o crescimento normal de nossas economias nacionais e regionais em condições de assegurar a afirmação dos homens dessa sociedade emergente, respeitada sua personalidade plena e livre.

Os cristãos precisam encontrar sua autêntica liderança, capaz de conduzir a bom caminho o anseio de nossa gente e de forjar instrumentos práticos e planos de ação realistas para promover o desenvolvimento material e a condição humana de nossas populações.

As atividades sociais tradicionais já não bastam. Os modelos de planejamento do passado não resolvem. As oportunidades e as opções que as ideologias de hoje oferecem desnaturam o homem, desvirilizam os povos e não atendem o fundo das mais puras aspirações humanas.

Êsse é o desafio com que nos defrontamos para bem entender e conduzir com segurança a nova sociedade, em mudança acelerada.